

Guerra Junqueiro



# ORAÇÃO Á LUZ



PORTO

LIVRARIA CHARDRON

Os Lello & Irmão, Editores

1904

Tipos de Alfredo, Impressão

EL MUNICIPIO DE OICASA

Oração á Luz



GUERRA JUNQUEIRO

---

# ORAÇÃO Á LUZ



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON

de Lello & Irmão, Editores

1904

Todos os direitos reservados.

Pertence no Brazil o direito de propriedade d'esta obra ao cidadão Francisco Alves, livreiro editor no Rio de Janeiro, que, para a garantia que lhe offerece a lei n.º 496 de 1 d'Agosto de 1898, fez o competente deposito na Bibliotheca nacional, segundo a determinação do art. 13.º da mesma Lei.

AO MEU AMIGO

FIALHO D'ALMEIDA





## ORAÇÃO Á LUZ

---

Claro misterio  
Do azul ethereo!  
Sonho sidereo!  
Luz!

Da terra dorida  
Alento e guarida!  
Fermento da vida,  
Luz!

Eucaristia santa,  
Vinho e pão que alevanta  
Homem, rochedo e planta . . .  
Luz!

Virgem ignea das sete cores,  
Toda abrasada d'esplendores,  
Mãe dos heroes e mãe das flores,  
Luz!

Fiat harmonico e jocundo,  
Verbo diafano e profundo,  
Alma do sol, corpo do mundo,  
Luz!

Luz-esp'rança, luz rutila da aurora,  
Vida vibrando na amplidão sonora,  
Vida cantando pela vida fora,  
Luz!

---

Luz que nos dás o pão, ó luz amada!  
Luz que nos dás o sangue, ó luz doirada!  
Luz que nos dás o olhar, luz encantada!  
Bem dita sejas, luz, bem dita sejas!

Sejas bem dita em nós, ó fonte de harmonia!  
Sejas bem dita em nós, ó urna de alegria!  
Bem dito seja o filho teu, o alvor do dia!  
Perpetuamente, ó luz, ó mãe, bem dita sejas!

\*

A inabalável rocha taciturna,  
Quando a electrisa teu deslumbramento,  
Acorda e sonha na mudez soturna. . .

Por ti se volve areia; e n'um momento  
A areia é lodo, é seiva, é fruto lindo,  
É carne humana, é sangue, é peisamento. . .

Por ti a agoa exulta, anda bramindo,  
Por ti rola do monte ao sorvedoiro,  
E voa, em nuvens, pelo azul infindo. . .

Por ti orvalho: Cae no trigo loiro?  
É pão e é hostia. . . Cae na flor? incenso,  
Netar, abelha, borboleta d'oiro. . .

Por ti flutua o ar, um mar imenso,  
Prenhe de vidas invisiveis, onde  
Todo o sonho da terra anda suspenso. . .

Ao teu halito, ó luz, nada se esconde:  
Brilhas! e a alma opaca da materia  
Das entranhas do globo te responde! . . .

Brilhas! e amor e dor, luto, miseria,  
Doira-os a graça, a juventude, o encanto  
Do teu manto de purpura siderea!

És tu que alumbras alegria e pranto:  
No sorriso do heroe clarão eterno,  
Prisma de Deos na lagrima do santo.

Por teu fulgor genesico e materno  
Surdem nupcias das campas viridentes  
E um novo abril palpita em cada inverno. . .

Por ti suspiram, sem te ver, dormentes,  
As almas vegetaes, indefenidas  
No misterio noturno das sementes. . .

Germinando por ti, por ti vestidas,  
Sonham aroma, sonham forma e côr,  
Em teu alvor magnetico embebidas. . .

E esplendidas de graça, enlevo e amor, X *Ballard*  
Erguem-te, ó luz, um ai de luz radiante,  
Aberto em beijo, idealizado em flor! . . .

Por teu fremito d'oiro, instante a instante,  
O verme cego, enclausurado, inundo,  
Gera a visão liberta e deslumbrante.

Por ti um sopro animico e fecundo  
Penetra o lodo, a rocha, a agoa, o ar,  
Voa de esporo a esporo, e mundo a mundo...

Por ti a aza, o labio, a mão, o olhar...  
Por ti o canto e o riso e o beijo e a ideia...  
Por ti o verbo ser e o verbo amar!...

A inextrincavel, a infindavel teia  
Do sonho do universo em luz é urdida, *G.T.*  
Em luz vislumbra e misteriosa ondeia...

Suspensa em luz, da mesma luz nutrida,  
Vae para Deos rolando eternamente  
A dor, na eterna evolução da vida...

---

Homem, nuvem, granito, onda, serpente,  
A rocha, o ar, o abutre, a folha d'hera,  
O mundo, os mundos, tudo que é vivente,

Do lodo á aguia, do metal á fera,  
Da fera ao anjo, do covil á cruz,  
Move-se tudo, existe e reverbera,

Sonhando, amando, palpitando em luz! . . .

\*

\* \*

E o coração a arder, que das alturas  
Manda perpetua luz ás creaturas.  
Vive a escuras!

Seus infernos de fogo a trovejar  
Dão aurora e luar.

Sua angustia sem fim, que não descança,  
É mãe do beijo e mãe da esp'rança.

Dos ais candentes da sua dor  
Brotava o sorriso e brotava a flor.

Bemdito seja!

Arde por nós a toda a hora,  
Sofre por nós a toda a hora,  
Por nós morrendo a toda a hora,  
Continuamente!

Bemdito seja!

O seu tormento é o nosso alento,  
Sua paixão cruel e dolorida  
A nossa vida.

Bemdito seja! bemdito seja!

Bemdito o martir, cujo sangue a flux  
Alaga os mundos de marés de luz!



Bem dita a horrenda e tremula agonia,  
Cujos suspiros são o alvor do dia!

Bem dita a morte, em cuja essencia etherea  
Ondula para Deos nossa miseria!

Bem dito seja!  
Bem dito seja!  
Bem dito seja!  
Bem dito vezes mil o fecundo esplendor,  
Nossa vitima e nosso redemptor! . . .

\*

\* \*

Homem!

Quando a alvorada alumie o horisonte,  
Ergue-te em pé, ergue essa frente!

Ergue-te livre, em pé, na terra escrava,  
Em que has sido mudez caliginosa  
E onda e rocha e verme e fera brava . . .  
Ergue essa *fronte* humana misteriosa,  
Enigmatica flor crepuscular,  
A flor que chora, que sorri, que pensa,  
A flor de dor, que a natureza imensa  
Milhões d'anos levou a arquitetar! . . .  
Ergue te calmo sobre a terra obscura,  
Filho de Satanaz, pae de Jesus!  
E no enlevo, no mimo, na candura  
Da madrugada angelisada e pura  
Faz, d'olhos tristes, o signal da cruz:  
Uma cruz imortal em pensamento,  
Uma infinita cruz, cheia de luz,  
Aberta aos mundos n'um deslumbramento . . .  
Cruz que, vindo de Deos, trespasse o inferno,  
Cruz abarcando toda a imensidade,  
Cruz onde um Christo, o Amor Eterno,  
Chore sem fim a dor da Eternidade! . . .  
E extatico, enlevado, absorto, imerso  
Na harmonia inefavel da amplidão,  
Ebrio de Deos, ungido de universo,  
Homem, levanta á luz esta oração :

Monstro de dor nos ermos do infinito,  
Ó sol crucificado, ó sol bemdito !  
Tua carne de fluidos e metaes  
É a carne-embrião do mundo todo,  
Das agoas e das rochas e do lodo,  
Que foram nossas mães e nossos paes !  
Por isso lanças para nós teu grito,  
Por isso voãm para nós teus ais !

São os teus ais sem fim de muribundo  
A luz, esp'rança, que eletrisa o mundo.

O oiro divino das manhãs formosas,  
Que os orbes veste de sendaes de rosas,  
Como se fossem pobresinhos nus,  
É o estertor e a dor do teu fadario,  
É sangue a espadanar do teu calvario,  
A jorrar do teu corpo e da tua cruz ! \

Bemdito o christo-sol na cruz ardente,  
O monstro-martir, que infinitamente *Vieria.*  
Por nós expira, soluçando luz ! . . .

Ó luz, ó luz, o mundo te devora,  
Mas revives no mundo a toda a hora.

Morres para nascer a todo o instante,  
Mais perfeita, mais pura e mais brilhante.

Sim, mais brilhante: a claridade  
Vem só do amor e da verdade.

Tu revives, ó luz, mais amorosa  
Na agoa fluida, tremula e viscosa.


Na agoa fecundante e conjugal,  
Mãe do homem, do verme e do cristal.

Na agoa movel, magica, indecisa,  
Onde a vida fermenta e fraternisa . . .

---

Por onde o sangue e a seiva, ebríos d'amor,  
Circulam para a ideia ou para a flor!

Mas a agoa te absorve e te agradece,  
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

Almas da agoa, quando se casaram,   
Foi com beijos de luz que se beijaram.

\*

Tu revives na terra aspera e dura,  
Que é leite e mel na boca da verdura.

Leite e mel da raiz, do sugadoiro,  
Que mama fragas e dá frutos d'oiro.

Sim, revives mais pura, muito mais,  
No granito e no lodo e nos metaes.

Materia bruta

Não vê, não fala, não escuta,

Não pode amar,

Sem se tocar.

Quando se toca é que se liga,

Tem de ser densa para ser amiga.

Na rude e baixa natureza

O amor é solidez, a afeição é dureza.

E por isso o cristal

É um verdadeiro santo mineral.

Rochedo ou bronze

Mantem na estatua o genio creador,

Porque rochedo e bronze

São dois blocos d'amor.

O sonho ideal e genial, sonho impoluto,  
Não se esvahi, porque fundiu  
No sonho bruto . . .

Fragas imoveis, taciturnas,  
Que nós pisamos, caminhando,  
São almas lentas, infimas, noturnas,  
Cegas e surdas, que se estam beijando! . . .

A pedra, ó luz, te absorve e te agradece,  
Nunca te esquece, ó luz, nunca te esquece:

Porque as pedras, inertes e geladas,  
Já foram soes, estrelas, alvoradas . . .

\*

Tu revives, ó luz, inda mais santa,  
N'alma da planta.

Alma já feita de infinitas almas,  
Vida gerada de infinitas vidas,  
Mas prezas todas, palpitando unidas  
N'uma só alma!

Almas que existem para a mesma ancia,  
Que a mesma ardente aspiração eleva . . .  
Sonhando, amando, ouvindo-se a distancia,  
Folha livre no azul, raiz muda na treva . . .

Almas aereas, ondulantes,  
Ebrias de cor e de esplendor,  
Ao Deos ignoto erguendo as verduras radiantes,  
Ao Eterno evolvendo emanações da flor . . .

E flor doirada e folha verde e troncos nus  
Condensam chamas, arquetam luz!

Encorporam em luz o infindavel desejo,  
Edificam em luz a essencia misteriosa,  
Que, suspiro a suspiro e beijo a beijo,  
Vae do lichen ao cedro e vae do musgo á rosa! . . .



Hervas, florestas, pampanos, rebentos,  
Calices d'oiro, bosques a noivar,  
São esculturas em deslumbramentos,  
Sonhos urdidos com a luz e o ar! . . .

\*

E inda mais bela que na primavera  
Resuscitas, ó luz, n'um verme ou n'uma fera,  
Que já tem sangue e tem olhar!

Luz dardejante!  
Graça da cor! alvor, fulgor, esplendidez!  
Tu és escuridão, és uma cega errante . . .  
Cega noturna e deslumbrante,  
Porque alumias e não vês!

Esses olhos de estrelas vagabundos,  
Olhos de luz tão viva que incendeia,  
Não descobrem nem paramos, nem mundos,  
Não conhecem nem flor, nem grão d'areia!

E uma alimaria torva, rastejando,  
Vê as nuvens e os passaros em bando,  
Vê da noite o clarão,  
E na centelha exigua da pupila  
Junta o brazeiro d'astros que rutila,  
Imensuravel na amplidão!

O olho ardente  
É luz prodigiosa, é luz consciente. \

Olhar,  
É destinguir, unir, fraternisar  
O sonho do universo,  
Tudo o que anda disperso  
Ou no lodo ou na rocha ou na agoa ou no ar. . .

E, dilatando o amor,  
Dilata-se a visão, cresce a união, cresce o esplendor.

Olhos perfeitos,  
D'eterna luz,  
Só os olhos divinos dos eleitos,  
Só os olhos de Boudha ou de Jesus.

\*

E inda mais santa e mais harmoniosa  
Que nos olhos da pomba ou no calix da rosa,  
Tu revives, ó luz, na musica dos ninhos,  
Na alegria infantil dos passarinhos.

A ave canta,  
Sonorisando aurora na garganta. . .

Verdilhão, toutinegra, rouxinol  
Declamam luz, gorgeliam sol.

Morre a canção na escuridão. . .

Canção alada!  
Tu és a voz idealisada  
Da natureza flúrida e fecunda,  
Ebria, bebendo oceanos d'alvorada. . .  
Toda a alma da luz, que a terra inunda,

Todo o anseio da terra ao fulgor imortal,  
Cantam na voz da cotovia,  
Cristalisam na limpida harmonia  
D'um beijo d'ouro ideal! . . .

\*

O mundo, ó luz, te absorve e te devora,  
Mas revives no mundo mais intensa,  
Mais proxima de Deos a cada hora,  
Nas vidas todas d'esta vida imensa,  
Vidas sem fim, almas sem fim,  
Que o segredo do amor junta e condensa,  
Por meus olhos magneticos, em mim!

Lampejam no meu corpo, humanisadas,  
Mortas constelações e mortas alvoradas.

Desde que a Vida me gerou em dor  
E fui ether, estrella, agoa, montanha e flor;

Desde que verme obscuro andei a rastros,  
E, lobo em pé, sob o clarão dos astros,

Ao verter uma lagrima ligeira,  
Me senti homem pela vez primeira;

Quantos soes, nebulosas, firmamentos,  
Varridos já n'aza dos ventos,

Não deram luz ao lodo triste,  
Que em mim, sonhando e suspirando, existe?! . . .

Todo o meu corpo é luz esplendorosa,  
Sou um hino de luz religiosa,  
Gravitando na órbita de Deos . . .  
Milhões d'auroras riem no meu canto,  
Ondas d'estrelas brilham no meu pranto,  
Pélagos de luas ha nos olhos meus! . . . \

Esta carne, este sangue, esta miseria,  
E este ideal imortal que me conduz,  
Já foram brasas na amplidão etherea,  
Por isso exultam devorando a luz . . .

(Vejá u).

Vive de luz minha alegria e minha magoa,  
Bate na luz meu coração,  
Fulge na luz o meu olhar . . .  
Ó luz tremente, eu bebo-te na agoa,  
Ó luz ardente, eu como-te no pão,  
E calco-te na lama e sorvo-te no ar! . . .  
O luz! ó luz! ó luz!  
Como te heide remir e te heide consolar?! . . .

Luz que nos enches de alegria,  
Luz que desvendas a harmonia,  
Que és o esplendor e a cor da natureza,  
Farei de ti, luz d'um só dia,  
A luz perpetua da Beleza!

Luz que iluminas a existencia,  
Luz que propagas a evidencia,  
Que dissolves o erro e a escuridade,  
Farei de ti, da tua essencia,  
A luz augusta da Verdade!

Luz, onde os olhos e onde o pensamento  
Casam a estrella, o verme, a rocha, a agoa, o vento,  
Homens e monstros, a canção e a dor,  
Farei de ti, luz d'um momento,  
A luz eterna, a luz divina, a luz do Amor!

(Refrão).

Farei de ti a luz do Amor, que não se apaga,  
A luz que tudo alaga  
E tudo vê e tudo aquece. . .  
A luz que nos deslumbra e que irradia  
D'um suspiro, d'um ai, d'uma agonia,  
D'um beijo humilde ou d'uma prece. . .

A luz, em cuja gloria idealisante,  
O brazeiro dos astros rutilante  
É cinza escura e sepulcral,  
E a apoteose imensa da alvorada  
Uma lugubre e lenta fumarada,  
Sonho torvo da duvida e do mal. . .

(Refrão).

(V. 1-2)

A luz que transfigura e que converte  
O Cesar deslumbrante em póeira inerte  
E o vagabundo, a rastros, n'um clarão . . .  
A luz que acende lágrimas doridas  
Em estrelas eternas e floridas,  
Em jardins de candura e de perdão! . . .

Luz onde tudo vae boiando imerso,  
Luz Espirito e Alma do universo,  
Sol dos soes, increado e creador . . .  
Luz de misericordia e luz de esp'rança,  
Luz de infinita bemaventurança,  
Manhã que rompe da infinita dor . . .

Ó luz dos astros, cega luz corporea,  
Que, revivendo, és agoa transitoria,  
Fraguedo e areia, podridão e planta,  
Calix que murcha e que a nortada leva,  
Olhar de brasas que se volve em treva,  
Gorgeio lindo que uma hora canta,



*1. (Bjorn)*

Em meu sangue exaltada e sublimada,  
Em meu divino ideal crucificada,  
À paz suprema chegarás por mim:  
Serás a luz do Espirito amoroso,  
Serás na eterna dor o eterno goso,  
A beatitude harmonica e sem fim!

\*

\* \*

*Oremus:*

Candida luz da estrela matutina,  
Lagrima argentea na amplidão divina,  
Abre meus olhos com o teu olhar!

Viva luz das manhãs esplendorosas,  
Doira-me a fronte, inunda-me de rosas,  
Para cantar!

Luz abrasando, crepitando chama,  
Arde em meu sangue, meu vigor inflama,  
Para lutar!

Luz das penunbras a tremer nas agoas,  
Vela as montanhas d'um vapor de magoas,  
Para sonhar!

Luz dolorosa, branda luz da lua,  
Embala, embebe a minha dor na tua,  
Para chorar!

Luz das estrelas, vaga luz silente,  
Cae dos abismos do misterio ardente,  
Sangra calvarios infinitamente,  
Para eu resar!

E cantando,  
E lutando,  
E sonhando,  
E chorando,  
E resando,

Farei da cega luz que me alumia  
A luz espiritual do grande dia,  
A luz de Deos, a luz do Amor, a luz do Bem  
A luz da gloria eterna, a luz da luz, amen!



70